



ENTRE O REAL E O POTENCIAL: O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA SOB A PERSPECTIVA DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

Jean Carlos Nogueira de Carvalho Júnior

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (POSEDUC/UERN); Graduado em Letras – Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: profjeancarvalho@gmail.com

RESUMO

O ensino de língua inglesa na escola pública brasileira, frequentemente centrado na memorização descontextualizada, carece de práticas pedagógicas significativas. A psicologia sócio-histórica de Vygotsky, por meio do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), propõe um ensino mediado, dialógico e culturalmente situado, valorizando o aluno como sujeito ativo. O professor, como mediador, deve planejar intervenções que respeitem as realidades socioculturais dos estudantes, promovendo aprendizagens críticas e emancipadoras. Apesar dos desafios estruturais, estratégias como projetos interdisciplinares e avaliação formativa podem transformar a sala de aula em um espaço de desenvolvimento integral. Assim, a ZDP ressignifica o ensino de inglês como prática de formação humana e cidadã.

Palavras-chave: Zona de Desenvolvimento Proximal. Mediação Pedagógica.



1 INTRODUÇÃO

O ensino de língua inglesa ocupa, há décadas, um espaço obrigatório no currículo da educação básica brasileira. No entanto, especialmente na rede pública de ensino, observa-se que essa presença nem sempre se traduz em experiências pedagógicas significativas. Com frequência, as aulas de inglês reduzem-se à memorização de estruturas gramaticais e vocabulários descontextualizados, desconsiderando as experiências, os saberes prévios e os contextos socioculturais dos estudantes. Tal abordagem, fortemente centrada na reprodução de conteúdos, pouco contribui para a formação crítica, comunicativa e cidadã dos alunos.

Frente a esse cenário, cresce a necessidade de repensar o ensino de línguas estrangeiras à luz de concepções mais integradoras, que compreendam o aluno como sujeito ativo em processo de desenvolvimento. A psicologia sócio-histórica de Vygotsky (1998) oferece um referencial potente para esse debate, ao entender a aprendizagem como um processo socialmente mediado e intimamente vinculado ao desenvolvimento humano. Dentro dessa perspectiva, destaca-se o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que se refere à distância entre aquilo que o sujeito é capaz de realizar sozinho e aquilo que pode realizar com a mediação de um outro mais experiente.

Considerar a ZDP como chave de leitura para o ensino de inglês significa deslocar o foco da simples transmissão de conteúdos para a criação de experiências pedagógicas que promovam o avanço do aluno a partir de sua realidade, de seus interesses e de suas potencialidades. Trata-se de compreender o ensino como prática de mediação e de aproximação entre o conhecimento e os modos de ser e estar dos sujeitos na escola pública.

É nesse ponto que o papel do professor se revela central: não apenas como transmissor de informações, mas como mediador que identifica os níveis de desenvolvimento real e potencial de seus alunos, e planeja intervenções que favoreçam sua progressão. A prática docente, portanto, exige sensibilidade para perceber o momento exato de intervir, respeitando o ritmo de aprendizagem de cada estudante e criando condições para que ele se aproprie ativamente da língua como ferramenta de comunicação, pensamento e expressão de mundo.

Além disso, pensar o ensino de inglês sob a ótica da psicologia sócio-histórica implica reconhecer a sala de aula como um espaço de interação viva, em que a linguagem não é apenas objeto de estudo, mas meio pelo qual se constroem relações, se compartilham significados e se produz conhecimento. Essa perspectiva rompe com a lógica tecnicista e instrumental que ainda predomina em muitas escolas, e abre caminho para uma prática pedagógica comprometida com a emancipação dos sujeitos e com a transformação da realidade escolar.



Neste contexto, este artigo propõe uma reflexão teórica sobre como o ensino de língua inglesa pode ser ressignificado a partir da perspectiva da Zona de Desenvolvimento Proximal. Ao articular os fundamentos da psicologia sócio-histórica com as especificidades do ensino de línguas, busca-se contribuir com a construção de práticas pedagógicas mais humanas, críticas e sensíveis às condições concretas em que se dá a aprendizagem no cotidiano escolar.

2 OBJETIVO

O presente artigo tem como objetivo principal discutir as contribuições da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conceito central na psicologia sócio-histórica de Vygotsky (1998), para o ensino de língua inglesa no contexto da escola pública brasileira. Partindo de uma abordagem teórica e qualitativa, busca-se refletir sobre como os princípios da ZDP — como a mediação, a interação e o papel ativo do professor e do aluno — podem fundamentar práticas pedagógicas mais significativas, críticas e sensíveis às realidades socioculturais dos estudantes.

Ao considerar os desafios estruturais e pedagógicos presentes na rede pública de ensino, a proposta é identificar possibilidades de intervenção educativa que valorizem o potencial de desenvolvimento dos alunos e promovam a aprendizagem da língua inglesa como instrumento de inserção social e emancipação. A articulação entre os fundamentos da psicologia vygotskiana e o ensino de línguas visa, assim, contribuir com a construção de práticas docentes que respeitem os sujeitos em formação e potencializem sua trajetória educativa.

3 METODOLOGIA

Este é um artigo teórico, de caráter qualitativo, fundamentado em revisão bibliográfica. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, como livros, artigos científicos e dissertações, e tem como finalidade analisar e discutir um problema à luz das contribuições teóricas já existentes. Esse tipo de investigação permite a construção de uma base sólida para o aprofundamento de questões conceituais e a formulação de reflexões críticas sobre temas educacionais. Conforme aponta Gil (2008, p. 147):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, como livros e artigos científicos, e tem por objetivo reunir e analisar o conhecimento já publicado sobre determinado tema. Não se limita à coleta de informações, mas exige postura crítica do pesquisador, que deve selecionar, interpretar e sistematizar os dados de forma coerente e rigorosa, estabelecendo conexões entre as ideias e identificando lacunas na literatura.



Para Lakatos e Marconi (2003), a revisão bibliográfica possibilita a sistematização do conhecimento acumulado sobre um determinado tema, oferecendo subsídios para a formulação de hipóteses, análises interpretativas e compreensão crítica de fenômenos complexos. Trata-se, portanto, de uma estratégia metodológica essencial em pesquisas de cunho teórico, especialmente quando o objetivo é promover articulações conceituais entre diferentes campos do saber.

No caso deste trabalho, a metodologia adotada permitiu articular diferentes perspectivas sobre o ensino de línguas e o desenvolvimento humano, com ênfase na psicologia sócio-histórica de Vygotsky (1998) e no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), compreendido como chave para pensar a mediação pedagógica, a aprendizagem significativa e o papel ativo do sujeito no processo educacional.

O processo de levantamento bibliográfico teve início com a identificação de fontes primárias sobre a psicologia sócio-histórica, sobretudo os escritos de Vygotsky (1998) e seus comentadores diretos. Na sequência, buscou-se autores que discutem a aplicação dessa abordagem no campo do ensino de línguas, como Lantolf e Thorne (2006), Donato (2000) e Mattos (2012), bem como interlocuções teóricas brasileiras que exploram as relações entre linguagem, desenvolvimento e escolarização, como Oliveira (1993), Rego (1995) e Camargo (2008). A seleção priorizou obras reconhecidas por sua relevância científica, coerência interna e contribuição para o debate educacional contemporâneo.

Além do critério de relevância acadêmica, foi considerada a atualidade das produções e sua vinculação a contextos semelhantes ao da escola pública brasileira. As fontes escolhidas passaram por leitura exploratória e análise de conteúdo, com especial atenção às categorias conceituais centrais: mediação, interação, aprendizagem, desenvolvimento, ensino de línguas e ZDP. A análise qualitativa e interpretativa baseou-se na busca por convergências teóricas e tensionamentos críticos, buscando construir um olhar abrangente e fundamentado sobre a problemática em questão.

Por se tratar de uma investigação teórica, a validade da proposta não reside na coleta de dados empíricos, mas na coerência lógica, densidade argumentativa e consistência epistemológica da articulação entre os referenciais. Assim, a metodologia adotada orienta-se pela tentativa de aprofundar o entendimento sobre as interfaces entre psicologia sócio-histórica e ensino de língua inglesa, oferecendo subsídios para futuras práticas pedagógicas e pesquisas aplicadas no contexto da escola pública.



4 A ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL: CONCEITO E FUNDAMENTOS

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), proposta por Vygotsky (1998), refere-se à distância entre aquilo que o aprendiz consegue realizar sozinho (nível de desenvolvimento real) e aquilo que pode realizar com a mediação de outro mais experiente (nível de desenvolvimento potencial). Nas palavras do autor, a ZDP “é a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outros companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

A psicologia sócio-histórica considera o desenvolvimento humano como resultado das interações sociais e da mediação simbólica, especialmente por meio da linguagem. Como afirma Oliveira (1993), aprender é participar de práticas sociais compartilhadas que possibilitam a reorganização das funções psicológicas superiores, tais como memória, atenção e pensamento. Essa visão desloca o foco da aprendizagem para o processo dialógico entre sujeito e cultura, colocando o outro como parte constitutiva do desenvolvimento. Segundo Rego (1995), o conceito de ZDP rompe com a visão maturacionista e mostra que o ensino, quando atua sobre a ZDP, não apenas acompanha, mas impulsiona o desenvolvimento. Ou seja, o ensino deve ser planejado não para o que o aluno já sabe, mas para aquilo que ele está em vias de saber com apoio adequado.

Esse trecho inspira nossa compreensão de que a ZDP não apenas descreve um estado de aprendizagem, mas sinaliza o potencial transformador do ensino — pois é por meio da interação e mediação que o sujeito é levado a patamares superiores de desenvolvimento. Dessa forma, o planejamento pedagógico deve assumir a condição de impulsionador, não apenas facilitador, do processo formativo.

5 A MEDIAÇÃO DOCENTE E O PAPEL DO PROFESSOR COMO SUJEITO HISTÓRICO

A partir da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, a mediação assume um papel central no processo de aprendizagem. O professor deixa de ser mero transmissor de conteúdos para tornar-se um sujeito ativo da formação, capaz de intervir intencionalmente na trajetória de desenvolvimento dos alunos. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) não existe sem mediação — ela se concretiza a partir das interações sociais em que o outro atua como suporte temporário para que o aprendiz avance além do que conseguiria realizar sozinho. Segundo Rego (1995), “O aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal [...] e é por isso que Vygotsky afirma que ‘aquilo que é



zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã” (REGO, 1995, p. 97).

Nesse sentido, o professor atua como mediador entre o aluno e os saberes historicamente construídos, selecionando estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem significativa e dialógica. A mediação eficaz exige leitura constante das necessidades, possibilidades e limites dos estudantes. Isso implica um compromisso com o planejamento pedagógico articulado, que vá além da simples adequação de conteúdos e envolva a escuta ativa, o vínculo afetivo e o reconhecimento das múltiplas formas de expressão e participação dos alunos.

A ação pedagógica ganha força quando se reconhece o professor como sujeito histórico, também atravessado por contradições, afetos e percursos singulares. Mattos (2012) lembra que a prática docente é também um espaço de produção de sentidos, em que o educador constrói, com os alunos, saberes que vão além do currículo prescrito. “A escola precisa ser espaço de escuta, de diálogo, de alteridade. O professor não é apenas um agente técnico, mas alguém que media mundos possíveis” (MATTOS, 2012, p. 60).

Com isso, reforça-se a ideia de que a ZDP não é um recurso técnico a ser aplicado, mas um conceito que convoca à responsabilidade ética e política do educador diante do outro. A mediação, para ser plena, precisa estar comprometida com a transformação das condições de aprendizagem e com a valorização dos sujeitos em sua totalidade — histórica, social, afetiva e cultural.

6 ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DA ZDP

Ao transpor o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal para o campo do ensino de línguas estrangeiras, observa-se uma mudança de paradigma: o ensino deixa de ser centrado na exposição a conteúdos gramaticais descontextualizados e passa a assumir a forma de um processo mediado, dialógico e culturalmente situado. Para Lantolf e Thorne (2006), a psicologia sócio-histórica oferece uma estrutura interpretativa robusta para compreender a aprendizagem de línguas como um processo situado, dialógico e mediado culturalmente. Nesse sentido, aprender uma língua não é apenas adquirir estruturas linguísticas, mas participar ativamente de práticas sociais nas quais a linguagem desempenha papel mediador e constitutivo do pensamento.

A atuação docente, nesse contexto, deve se orientar por uma leitura constante da ZDP dos alunos, propondo atividades desafiadoras, mas possíveis de serem realizadas com apoio. Trata-se de um ensino intencionalmente planejado para criar condições de desenvolvimento, respeitando o tempo do aprendiz e suas formas próprias de apropriação da linguagem. Como destaca Vygotsky (1998), o



bom ensino é aquele que se antecipa ao desenvolvimento, criando zonas potenciais que ampliam o que o aluno é capaz de realizar com mediação. A prática pedagógica pode incluir estratégias como o uso de pares mais experientes, trabalho colaborativo, andaimes linguísticos (scaffolding), mediação verbal, modelagem e feedback contínuo e formativo. Donato (2000) analisa interações entre aprendizes em sala de língua estrangeira e evidencia que o apoio entre pares — particularmente quando um aprendiz assume o papel de mediador — favorece a internalização de estruturas e usos da língua.

Além disso, o ensino de línguas sob a perspectiva da ZDP favorece a adoção de metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, sequências didáticas integradas, dramatizações, debates e análise de gêneros discursivos reais, possibilitando ao aluno atuar como sujeito do processo e não apenas como receptor de conteúdos. Essa abordagem dialoga diretamente com o conceito de aprendizagem significativa proposto por Ausubel (2003). Conforme o autor:

A principal função do organizador prévio é servir de ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que ele precisa saber para que possa aprender significativamente a tarefa com que se depara. Desta forma, o organizador prévio apresenta conceitos, proposições e estruturas cognitivas que oferecem um quadro de referência mais inclusivo e de nível mais abstrato do que o conteúdo ensinado para a aprendizagem. Ele não representa um resumo de informações, mas sim um esquema conceitual capaz de ativar subsunçores já presentes na estrutura cognitiva do aluno e prepará-lo para incorporar, de forma significativa, o novo conteúdo (Ausubel, 2003, p. 172)

Com esse dispositivo discursivo, o professor atua diretamente na confluência entre a ZDP e a estrutura cognitiva do aluno, fomentando condições para que a aprendizagem seja criticamente significativa, emancipadora e contextualizada.

A avaliação diagnóstica e formativa adquire papel central nesse processo, pois permite ao professor identificar o nível de desenvolvimento real e potencial dos alunos e adaptar suas estratégias pedagógicas. Como destaca Camargo (2008), a mediação docente “pressupõe sensibilidade para reconhecer o ponto em que o aluno se encontra e oferecer os recursos para que ele avance em sua trajetória de aprendizagem” (p. 72). Nesse cenário, o erro deixa de ser tratado como falha e passa a ser entendido como indicativo do estágio de desenvolvimento, funcionando como ferramenta pedagógica e ponto de partida para novas intervenções.

Portanto, ensinar inglês a partir da ZDP é compreender o processo de aprendizagem como algo dinâmico, relacional e historicamente construído, em que o professor atua como mediador, o aluno como sujeito ativo, e o conhecimento como produção coletiva atravessada pela linguagem, pela cultura e pelas interações sociais.



7 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA

Aplicar os princípios da ZDP no ensino de inglês na escola pública brasileira implica enfrentar desafios estruturais, pedagógicos e políticos. Entre os principais obstáculos, destacam-se a heterogeneidade das turmas, com estudantes em diferentes níveis de proficiência e com históricos escolares diversos; a limitação de recursos didáticos e tecnológicos; a alta rotatividade de professores; a ausência de formação continuada específica; e a baixa carga horária destinada à disciplina, que muitas vezes inviabiliza a continuidade de projetos pedagógicos consistentes.

Além disso, a cultura escolar ainda é fortemente marcada por práticas pedagógicas transmissivas, avaliações padronizadas e uma concepção fragmentada do conhecimento. Esses elementos dificultam a implementação de propostas fundamentadas na mediação, na colaboração e na construção conjunta de sentidos — princípios centrais da psicologia sócio-histórica.

No entanto, como argumenta Mattos (2012), mesmo em contextos de adversidade, a psicologia sócio-histórica permite repensar as práticas pedagógicas a partir da valorização dos saberes dos alunos, do incentivo à colaboração e da construção de espaços dialógicos. “A mediação não depende exclusivamente de tecnologias sofisticadas, mas da postura do professor diante do aluno como sujeito histórico e produtor de sentidos” (MATTOS, 2012, p. 58). Isso significa que mesmo em realidades com escassos recursos materiais, é possível adotar estratégias que ativem o potencial de desenvolvimento dos estudantes, desde que haja intencionalidade pedagógica e sensibilidade para o processo formativo.

Entre as possibilidades metodológicas coerentes com essa proposta, destacam-se os projetos interdisciplinares, as rodas de conversa, as dramatizações, a leitura e produção de gêneros textuais reais, o uso de músicas, vídeos e temas socialmente relevantes. Essas atividades não apenas mobilizam conhecimentos linguísticos, mas também favorecem o desenvolvimento de capacidades reflexivas e críticas. Segundo Leffa (2003), o ensino de línguas pode ser um “espaço privilegiado de reflexão sobre a linguagem e sobre o mundo, quando orientado por uma perspectiva crítica e significativa”.

A escuta ativa do professor e a construção de vínculos com os estudantes também se revelam fundamentais. Como aponta Rego (1995), o desenvolvimento dentro da ZDP só ocorre quando há relação de confiança, abertura à cooperação e reconhecimento das singularidades dos sujeitos. Nesse sentido, o professor atua como alguém que provoca o avanço, mas também acolhe os limites e as dificuldades, ajustando suas intervenções de forma ética e dialógica.

Por fim, é importante destacar que a efetivação de propostas fundamentadas na ZDP exige não apenas o engajamento dos professores, mas também o compromisso das instituições escolares e das



políticas públicas. A valorização do trabalho docente, a garantia de condições adequadas de ensino e o fortalecimento de uma cultura escolar que reconheça os alunos como sujeitos históricos e produtores de conhecimento são condições essenciais para que o ensino de língua inglesa possa cumprir seu papel formativo na escola pública. Assim, o ensino de inglês passa a ser não apenas um conteúdo escolar, mas um instrumento de leitura de mundo, de construção de identidades e de inserção social. A perspectiva da ZDP convida a olhar para os estudantes não por aquilo que ainda não sabem, mas pelo que podem vir a saber — e ser — com mediação, escuta e intencionalidade pedagógica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Zona de Desenvolvimento Proximal oferece uma perspectiva potente para ressignificar o ensino de língua inglesa na escola pública, especialmente quando se assume uma visão crítica e contextualizada da educação. Ao colocar a interação, a mediação e o desenvolvimento como elementos centrais do processo de aprendizagem, a ZDP desloca o foco do ensino de línguas do simples repasse de conteúdos para a construção conjunta de sentidos, respeitando os tempos, as histórias e as potencialidades dos sujeitos em formação.

A reflexão teórica desenvolvida ao longo deste artigo permitiu articular os fundamentos da teoria sócio-histórica de Vygotsky com as especificidades do ensino de inglês como língua adicional, evidenciando como práticas pedagógicas mediadas, colaborativas e sensíveis à realidade dos estudantes podem promover aprendizagens mais significativas. O conceito de ZDP foi discutido não apenas em sua dimensão teórica, mas em suas possíveis implicações didático-metodológicas, especialmente no que se refere ao papel do professor como mediador e planejador de experiências que desafiem, apoiem e ampliem o desenvolvimento dos estudantes.

Dessa forma, pode-se afirmar que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados: discutir as contribuições da Zona de Desenvolvimento Proximal para o ensino de língua inglesa no contexto da escola pública, fundamentando-se em autores clássicos e contemporâneos da abordagem sócio-histórica, e refletir criticamente sobre os desafios e as possibilidades de aplicação dessa perspectiva no cotidiano escolar.

Ao longo do texto, evidenciou-se que, embora persistam diversos obstáculos no contexto da educação pública brasileira — como a limitação de recursos, a carga horária reduzida da disciplina e a ausência de formação continuada específica —, a proposta vygotskiana se mostra viável e necessária. A mediação pedagógica, entendida como postura intencional, ética e dialógica, não depende de condições ideais, mas de um compromisso com o desenvolvimento humano em sua totalidade.



Projetos interdisciplinares, situações reais de uso da língua, aprendizagem entre pares, atividades significativas e avaliação formativa foram destacados como caminhos possíveis para transformar a sala de aula de inglês em um espaço de desenvolvimento integral. Mais do que instrumentalizar o estudante para usos técnicos da língua, trata-se de formar sujeitos capazes de compreender e intervir no mundo por meio da linguagem.

Assim, o ensino de língua inglesa, sob a ótica da Zona de Desenvolvimento Proximal, revela-se como prática formativa profundamente ligada à emancipação dos sujeitos e à construção de uma escola pública que seja, de fato, um espaço de humanização. Reconhecer os estudantes por suas potências — e não por suas carências — é o primeiro passo para a construção de uma pedagogia do encontro, do diálogo e da transformação.



REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.
- CAMARGO, D. A. Mediação pedagógica e aprendizagem: contribuições da perspectiva histórico-cultural para a prática docente. São Paulo: Cortez, 2008.
- DONATO, Richard. Sociocultural contributions to understanding the foreign and second language classroom. In: LANTOLF, James P. (ed.). Sociocultural theory and second language learning. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 27–50.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LANTOLF, James P.; THORNE, Steven L. Sociocultural theory and the genesis of second language development. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas como prática discursiva. In: SIGNORINI, Inês (org.). Letramento e diversidade. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 189–210.
- MATTOS, Ana Maria. As contribuições da teoria sociocultural para o ensino-aprendizagem de línguas. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 28, n. 1, p. 49–72, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/12559>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.